

O sonho de
LAMPIÃO

Penélope Martins e Marco Haurélio

O sonho de LAMPIÃO

Xilogravuras
Lucélia Borges



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2022 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Texto
Penélope Martins
Marco Haurélio

Produção editorial
Ciranda Cultural

Xilogravuras
Lucélia Borges

Diagramação
Linea Editora

Editora
Michele de Souza Barbosa

Revisão
Fernanda R. Braga Simon

Preparação
Fátima Couto

Design de capa
Ana Dobón

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

M386s Martins, Penélope.
O sonho de Lampião / Penélope Martins ; Marco Haurélio ; ilustrado por
Lucélia Borges - Jandira, SP : Principis, 2022.
128 p. : il.; 15,50cm x 22,60cm.

ISBN: 978-65-5552-802-2

1. Literatura juvenil. 2. Literatura Brasileira. 3. Nordeste. 4. Tradição.
5. Cangaço. 6. Sertão. I. Haurélio, Marco. II. Borges, Lucélia. III. Título.

2022-0801

CDD 028.5
CDU 82-93

Elaborado por Lucio Feitosa - CRB-8/8803

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura Juvenil 028.5
2. Literatura Juvenil 82-93

1ª edição em 2022

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

Esta história, se não fosse de todo inventada, boa parte dela seria, pois, para sonhar, um sertanejo de mãos igualmente perspicazes para fuzil, carícia ou bordado, só misturando ficção aos fatos – ainda que muitos deles não sejam comprovados. É uma história dedicada às pessoas valentes, nascidas das ganas da resistência, gente cuja bravura não desconsola – enfrenta seca, chuva, frio, fome e tirania e combate o inimigo em si mesmo: a desesperança e a covardia.

Sumário

Na Malhada da Caiçara	11
A história antes do cangaço	21
Da revolução à Santinha, as cartucheiras e a caligrafia	35
Céu bordado de estrelas, mandacaru fulorando	51
O fio da vida e da morte unindo muitos destinos.....	61
Maria de Déa e Expedita (ou “Enviada”).....	71
Benjamin Abrahão: vida breve e em preto e branco.....	81
O começo do final de uma longa caminhada	91
Não se faz parrelha com traição.....	97
As muitas faces de um mito	109
Sobre os autores	125
Sobre a ilustradora.....	127



Tá relampejando, Santinha,
deve de ser um sinal.
Padim Ciço no céu chamando,
já não carece fazer o embornal.
Junto dos anjos irei contigo,
com chapéu estrelado
sobre as nuvens cavalgarei.
Mas, se for com o diabo,
sem os pecados remidos
no fogo do inferno,
no tempo eterno
te amarei.



Na Malhada da Caiçara

O amor, assim que chega,
começa pisando manso,
se aninha no coração,
depois não dá mais descanso
e pode ser mar revolto
ou confortante remanso.

O amor junta dois mundos,
ainda que desiguais,
acalma um leão raivoso
com cantos sentimentais
e faz de quem se apaixona
o mais feliz dos mortais.

Mesmo onde o ódio dá cartas,
ceifa vidas, tira a calma,
o amor chega igual brisa,
soprando por sobre a palma,
e depois de tudo ajunta
dois corpos numa só alma.

A menina Dondom terminava de recolher a roupa da corda quando viu ao longe um movimento incomum que desassossebou seu coração. Não era para menos – certas visitas causavam rebuliço entre as famílias, deixando um rastro de desordem. Não sabia que tipo de gente se avizinhava, só podia perceber o vozerio confuso se aproximando. O magro cachorro anunciou o pressentimento de seu faro. Tratava-se de gente desconhecida. Aqueles latidos aumentaram a apreensão da mocinha, cujo primeiro impulso foi correr para dentro de casa, chamar mãe e pai para proteção, mas nem careceu, pois, com a mesma guia de alerta, ao primeiro sinal da intenção dos invasores em direção à porteira, dona Déa erguida já estava de prontidão, com os pés fincados na soleira, uma mão na cintura e outra agarrada ao tercinho que levava até os lábios, beijando o crucifixo enquanto evocava com devoção:

– Bom Jesus, São José bendito, Maria Santíssima, misericórdia! Zé, ajude aqui, que vem chegando tropa!

Zé tomou para si o enfrentamento do perigo, fez menção de pegar sua espingarda de caça, que estava ao alcance de sua mão, pendurada na parede, ao lado de um quadro do Sagrado Coração de Jesus. Mas, no repente do juízo, lembrou que, se fossem homens do cangaço, sua atitude seria tomada como provocação desnecessária. Por outro lado, se fossem soldados das volantes, não tardaria a começar a cerimônia de abusos sequenciais amparada pela lei, com desmandos e violências de todo tipo contra ele mesmo, ou, ainda pior, contra as mulheres de sua casa, esposa e filhas.

As notícias das perversidades das forças volantes cruzavam as fronteiras. Ele já sabia do martírio de seu Vicente, pai da menina Sérgia, de apenas doze anos, raptada por Corisco, que se vingava do homem por imaginar que ele o havia traído. O pobre pai, além

de ter sido privado da companhia da filha, que sofrera o diabo nas mãos do facínora, padeceu mais ainda nas garras da polícia, que o julgava acoitador de cangaceiro. Corria à boca miúda a notícia de que o homem tivera a orelha cortada, pois os membros da força militar acreditavam que sua filha se juntara ao criminoso por livre e espontânea vontade. Como se fosse possível fazer valer qualquer desejo de uma menina, e a história da desinfeliz seguiria, arrastada à força por Corisco, metida em esconderijo para ser tratada dos retalhamentos da violência, e ainda seria obrigada a viver como mulher de seu próprio algoz. No entanto, com distintivo e arma, outros abusos alcançaram mãe, irmãs e irmãos de Sérgia. Contra os dois meninos pequenos, atos bárbaros, praticados pelos soldados, jamais seriam esquecidos – mais ferozes, contudo, porque, naquele momento, os violadores evocavam a lei e tinham inclusive o apoio de governantes.

Se, por um lado, os cangaceiros eram temidos e desafiavam o juízo das pessoas evocando do imaginário as mais diversas epopeias de enfrentamento brutal, não aliviava conjurar quaisquer suplícios para as volantes virem ao auxílio; ao contrário, eis que os soldados afastavam a virtude da justiça e destilavam o pior veneno pelo fato de agirem com amparo e em nome do próprio governo e de um país que já tomava como questão de honra aniquilar o cangaço e seus simpatizantes.

Por isso é que seu Zé de Felipe se viu entre a caldeira e o fogo. Fosse um grupo ou outro, não havia como descansar do pensamento o retumbar de uma desgraça. O jeito era encarar. Não tinha como correr, abandonando o fruto do trabalho de toda uma vida. A melhor saída era se manter firme para o que viesse. De pronto, ele e a família esperaram até que as vistas alcançassem a estradinha e pudessem distinguir com a luz do dia quem tomava chegada.

É claro que estavam com medo, e muito, mas a experiência do homem como caçador dizia que, se o bicho mais fraco se amofina diante do mais forte, o fim é certo. Combinaram assim: uns continuariam labutando na roça, outros encenariam dar xerém para as galinhas magricelas, as mais moças rumariam para a cozinha e lá ficariam amocadas, camufladas na lida, rezando por dentro um terço de livramento até que os invasores se retirassem. Nos trejeitos do trabalho, todos conferiam à casa certo ar de normalidade.

Com o coração acelerado, dona Déa esticou o avental sobre o seu vestido, fez o mesmo com as linhas tensas da testa e aguardou o desfecho da sorte ao lado do marido.

Virgulino Ferreira, o Capitão Lampião, marchava à frente de todos, imponente como um guerreiro mouro. As cartucheiras cruzadas no peito contrastavam com o lenço vermelho do pescoço, que garantia um tipo inexplicável de ternura à sua figura lendária. O chapéu quebrado na testa era outra coisa: lembrava a coroa de um rei pregresso, com bordados feitos por sua própria mão caprichosa e estrelas que asseguravam proteção mágica contra seus muitos inimigos.

Saudado com um aceno pelo dono da casa, deu ordem para que os demais chegassem manso, e nessa brandura ensaiada ele era o primeiro a lançar palavra que botasse algum alento nos corações.

– Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo! – disse o chegante, com devoção verdadeira.

– Para sempre seja louvado – respondeu seu Zé, que ouvia pela primeira vez a voz do mitológico cangaceiro.

Olindina, outra filha de Zé de Felipe, que espiava da janela, a um sinal do pai, trouxe um banco para Lampião. Os demais cangaceiros tiveram de se contentar em sentar-se num velho tronco

de aroeira ou no chão, metade deles olhando para a entrada da fazenda, à espera, até aquele momento improvável, de que surgisse alguma volante.

– Capitão, Zé de Felipe às suas ordens – retomou o sitiante, que, só depois da saudação, que era também um salvo-conduto, estendeu a mão direita para Lampião.

Vaidoso, Virgulino ficou feliz de ser reconhecido e apertou a mão do homem, de quem muito se agradou.

– Virgulino Ferreira, como o senhor deve saber, mas pode me chamar de Lampião, que é o meu nome de guerra – disse com ar risonho, enquanto descalçava as sandálias e removia os pedregulhos que lhe fustigavam os dedos dos pés, revelando um ferimento a bala de tempos atrás, cicatrizado, mas não esquecido. – Seu Zé, vou direto ao ponto, afinal não sou homem de ardeio: o senhor poderia nos dar agasalho por essa noite?

– Claro, Capitão! – E ele era besta de dizer que não?! – Mas a nossa casa não tem o luxo das fazendas onde o Capitão pouisa de vez em quando.

– Morra o luxo e viva o bucho! – foi a resposta de Lampião, arancando uma gargalhada da cabroeira.

Um sorriso tímido, nervoso, se desenhou na boca murcha de seu anfitrião.

A ordem dada por Lampião a seu Zé para que ninguém deixasse a fazenda foi seguida à risca, e dessa forma era praticamente impossível alguém saber de seu paradeiro em um lugar relativamente ermo como a fazenda Malhada da Caiçara.

Dona Déa chegou em seguida com um bule de café fumegante e cheiroso, ajudada pela filha Dorzina, a Dondom, que trazia uma bandeja com as xícaras – as quais, para desconforto dos anfitriões,

não davam para metade do bando. Mas ninguém se queixou, e, terminada a primeira rodada, os demais foram servidos pela dona da casa. Zé de Felipe, dividido entre o medo e a curiosidade, procurava mostrar-se calmo, mas era visível a sua inquietação, a ponto de derramar boa parte do café na camisa. Lampião, percebendo a tensão causada por sua chegada àquela casa, dirigiu-se a Zé de Felipe:

– Seu Zé, se for pelas moças, não se aperreie com a nossa presença. Viemos à Bahia em busca de paz, e pode ter certeza de que o senhor tem em mim um amigo. Nem tudo o que contam a meu respeito é verdade...

– Pois conte comigo pro que precisar, Capitão! – disse o fazendeiro, sentindo-se mais confiante. – A casa é pobre, mas, como lá dizem, o pouco com Deus é muito...

– ... e o muito sem Deus é nada – emendou Lampião, mostrando conhecer o dito popular.

Chamando as filhas, Zé de Felipe ordenou que pegassem algumas galinhas com os demais acompanhamentos que fosse possível arranjar na cozinha para preparar para os chegantes. Lampião, atalhando-o, disse que os cabras dele é que cuidariam de abater as aves, e, a uma ordem dada, alguns cangaceiros saíram em perseguição às galinhas. Pouco tempo depois, retornaram os homens com as penosas ainda vivas, mas por pouco tempo.

– Está esperando o quê, Labareda – o chefe dirigiu-se a Ângelo Roque, recém-incorporado ao bando –, pra dar um jeito nessas galinhas?

O cabra, encolhendo-se diante do líder, justificou-se:

– Sabe o que é, Capitão? Estou com pena de matar as bichinhas... Tão pequenas as pobres, nem na intenção de voar se ataçam, quase

sem defesa, assim esperando o destino traçado pelo punho ou por facão. Peço que recomende outro para fazer isso.

– Agora deu a peste! – disse Lampião, em tom de chiste. – Na hora de comer você não tem pena, né, cabra? E, na hora de matar seus inimigos, também não!

– Eles mereceram – respondeu, lacônico, o cangaceiro, acomodado com as lembranças trazidas pela última fala do Capitão.

Uma panela seria pouco para tantas bocas famélicas. Abatidas a tempo, as galinhas seriam levadas ao tacho, que já aguardava luzindo sobre as labaredas dos tocos de lenha empilhados à beira do lume do fogão. Dona Déa chegou perto do bando carregando uma bacia de água fervente para as filhas depenarem as bichinhas fora de casa, como era de costume. No prato fundo colheram o sangue, pois era sabido que o Capitão apreciava muito receita de cabidela, e naquela casa havia uma mulher especialista no assunto. Esfregadas com limão-cravo para desmanchar a inhaca da pele cruenta, foram lavadas e salgadas pelas mãos da matriarca, enquanto duas de suas filhas picavam aos montes os dentes de alho e as cebolas, que, antes do corte, já embaçavam os olhos lacrimosos entre ardor e temor. Outra menina de dona Déa macerava umas ervas para dar gosto ao caldo; já escolhido, o arroz era lavado e colocado para escorrer. Um bom pedaço de toucinho rendia na frigideira, e dele sairia uma farofa bem composta, engordurada com manteiga e reforçada com ovos.

Aquele banquete ia ganhando forma, e a fome dos convidados aumentava com o aroma exalado. Mas ainda levaria um tempo para o de comer ficar pronto, por isso a cachaça servida era acompanhada de uns minguidos pedaços de queijo de coalho, dividido para muitos como tira-gosto. Nesse intervalo, Lampião começou a debulhar a sua história para Zé de Felipe:

– Quando eu falei pra não ter medo de mim, seu Zé, quis dizer que, apesar do que me acusam, ainda sou melhor do que as forças policiais que me perseguem. É por causa delas e da injustiça feita com minha família que levo vida errante. E esses cabras que estão aqui, ao redor de nós, pode perguntar pra eles, e lhe dirão que também sofreram alguma iniquidade. Somos santos? Nem há pretensão pra isso! Santo é o meu Padim Ciço, que está no Juazeiro. – Nesse momento, Lampião se benzeu. – Ainda assim, estamos longe de ser o diabo que pintam.

– Ouvi contar alguma coisa, Capitão, mas a conversa, quando atravessa muitos ouvidos, chega quase sempre muito prejudicada. – Zé de Felipe se mostrava cada vez mais à vontade. – Ninguém melhor que a pessoa que sofreu no couro as agruras de sua própria história pra contar o que se passou. O senhor tem meus ouvidos e meu respeito.

– Verdade. E agradeço as palavras. Se tenho no dono da casa bom ouvinte, melhor que seja direto da fonte o palavreado. Prepare as oiças, então...





A história antes do cangaço

A vida é rio que corre
da nascente até a foz,
esperança que não morre
ante o desespero atroz;
é voz que cala no outro
e depois revive em nós.

Como explicar os desvios
de quem devia seguir
o caminho da virtude,
plantar, colher, repartir?
Toda vereda é caminho
pra quem não tem pra onde ir.

Lampião limpou os óculos com um lenço pescado na algibeira, olhou por uma fresta de sol e viu que o serviço fora bem-feito; pigarreou uma vez, duas e deu uma chamada num copo de cachaça, não sem antes pedir para o dono da casa provar do que lhe servira, para se certificar de que ali não havia veneno. Logo começou a narrar a jornada que o levava ao cangaço:

– Sou o terceiro filho de José Ferreira e Maria Lopes, meus saudosos pais. – Fez uma vez mais o sinal da cruz. – Antes de mim vieram Antônio e Livino e, depois, Virtuosa, João, Angélica, Ezequiel, aquele moço ali, Maria e Anália. Outras duas meninas se foram muito cedo: Maria do Socorro, ainda na condição de anjinho, e Maria da Glória, que morreu com três anos. Nasci no sítio Passagem das Pedras, na Vila Bela, estado de Pernambuco. Perto de casa corria o riacho São Domingos, onde eu e meus irmãos nos banhávamos ao fim da tarde, depois da lida. Retirados uns duzentos metros, se muito, viviam meu avô Mané Pedro e minha avó, dona Jacosa. Ela me contava muitas histórias, dessas que tem também nos livrinhos de feira, com princesas encantadas e cabras valentes que topavam com gigantes e todo tipo de fera. Ô saudade!

Virgulino suspirou e pareceu se ausentar dali por alguns segundos. Mas ninguém o interrompeu.

– Onde eu estava mesmo? Ah, bom! Meu pai, seu Zé Ferreira, era um homem pacato como não havia igual em todo o Pernambuco. Já minha mãe, dona Maria, esquentava com pouca coisa. Era a natureza dela, quem vai dizer que tava errada?! Apesar das diferenças, era um lar sossegado. A gente plantava, por ocasião das chuvas do umbu, uma lavourinha que dava pro sustento. Mas ganhava a vida mesmo na lida da almocrevaria, correndo boa parte do sertão e do agreste pernambucano, partindo de Rio Branco.

Meu pai tinha uma tropa de burros, e eu e meus irmãos desde cedo nos acostumamos ao trabalho, que era pesado, mas também muito divertido. A gente abastecia o estado com as melhores mercadorias, levando de um canto pra outro inclusive as notícias, é verdade. Mas aí veio a grande seca do Quinze, que bebeu o nosso riacho e matou boa parte de nossa criação; e, assim como muitas famílias, a nossa fez uma peregrinação a Juazeiro, em busca do Padim Ciço, já que ele, sendo um santo homem, estava mais próximo de Deus e poderia fazer chegar até Ele os nossos rogos. Os irmãos mais velhos ficaram zelando por nossos teréns. Foi uma viagem sofrida, que durou muitos dias, com a gente acampando no meio dos matos, mas a chegada à cidade santa e a visão daquele homem enviado por Deus compensaram todo o trajeto. O problema, descobrimos depois, não foi a ida, mas a volta.

Nem Zé de Felipe nem dona Déa piscavam, atentos que estavam à história narrada por Lampião.

– Ao dar por falta de alguns bodes de nossa propriedade, meu pai pediu que fizéssemos uma busca pelos arredores. Eu e meus irmãos batemos boa parte dos sítios lindeiros ao nosso, e nada. Por acaso, um dia passamos na frente da casa de Zé Caboclo, que era empregado de nosso vizinho Saturnino, e encontramos alguns couros mal recobertos com areia. Para nossa surpresa, eles tinham a marca de nossa família. Meu pai, que era muito amigo de seu Saturnino, foi até ele e comunicou o roubo, ao que ele respondeu, sem pestanejar, que ia tomar as devidas providências. O pedido do meu pai foi para que ele mandasse embora o sujeito, mas, ao que parece, um de seus filhos, José, que eu pensava ser meu amigo, fez a cabeça do velho, que não honrou a palavra.

“E foi esse filho do cabrunco que começou a desordem, provocando a nossa família, chamando pra briga. A gente também não deixava barato. Mas o inferno abriu as portas, e a macaíba cantou de verdade mesmo foi no ano de 1917, quando o velho Saturnino bateu as botas e o diabo do filho assumiu o controle da Fazenda Pedreira. Outro agregado do infiteto me acusou de ter roubado um chocalho de sua fazenda. O chocalho em questão estava no pescoço de um dos animais de nossa tropa. Por mais que eu tentasse me explicar, eles me insultavam, a ponto de eu perder a paciência, arrancar o chocalho do pescoço do animal, amassá-lo com uma pedra e atirá-lo aos pés do infeliz do Zé de Saturnino. Ainda lhe dei o apelido de ‘Zé Chocalho’, no que fui seguido por meus irmãos. O sujeito saiu dali vendendo azeite às canadas, fumando numa quenga. Daquele dia em diante, sabíamos que o pior ia acontecer e nos preparamos para isso. Entre os nossos não tinha um com medo de enfrentar qualquer traste!

“No mês de agosto, na véspera da festa de Nossa Senhora da Penha, padroeira de Vila Bela, meu irmão Antônio se dirigia à Fazenda Picos. Ia buscar um terno que encomendara pra ocasião. No meio do caminho, topou com José Caboclo, parente do indivíduo que roubou as nossas cabras, e a coisa não prestou. De lado a lado surgiram ofensas, e Antônio, meu saudoso irmão, que não levava desaforo pra casa, puxou a faca e se atracou com o valentão. Sei dizer que a faca quebrou, e isso pôs fim à briga, pois o inimigo, que também estava armado, não quis aproveitar a vantagem. Sem vencedor, cada um tomou o rumo de sua casa, já que Antônio desistiu de buscar o terno.

“Eu e meus dois irmãos mais velhos passamos a atocaiar a casa do tal José Caboclo, mas recuamos diante das rogativas de meu pai.

Mas é como lá dizem, quando o diabo não vem, manda os agregados. Certa feita, estávamos reunindo o gado em frente à Fazenda Pedreira quando escutei o zunido das balas no pé do ouvido. Felizmente, ninguém se feriu, mas a guerra havia sido oficialmente declarada.

“Pegos desprevenidos, voltamos depois pra arrebanhar o gado disperso, dessa vez armados, muito bem armados. Nova saraivada de balas, partindo não se sabe de onde, quase levou Antônio, meu irmão, ferido na cintura. Deixamos o local. Levamos o nosso irmão para Antônio de Matilde, que era casado com uma prima nossa e tinha muita perícia em tratar ferimentos, fosse em bicho, fosse em gente. Dessa vez, Antônio escapou.”

– Graças a Deus! – foi o aparte de dona Déa.

– Amém! – emendou Lampião. – Mas não acabou, não, dona Déa! A notícia das refregas chegou ao coronel Cornélio, que nos chamou à sua presença e ordenou que deixássemos o sítio, para nunca mais pôr os pés lá. Nossa família deveria se mudar para uma localidade próxima à vila de Nazaré, onde Zé de Saturnino, o bexi-guento, estava proibido de entrar. Pensa que ele respeitou a proibição?! A pretexto de cobrar uma dívida, foi com seus jagunços à vila, o que motivou um tiroteio com meus irmãos, sem vítimas de nenhum dos lados. O delegado Manuel Gomes Jurubeba, em vez de cumprir as determinações do coronel Cornélio, resolveu nos intimidar, proibindo a gente de andar armado na vila. A verdade é que não só desobedecemos às ordens como fizemos um desfile pela cidade, onde os nossos rifles cantaram noutra toada.

“Um boato de um ataque de cangaceiros nas cercanias foi o que bastou para que nos culpassem, e os nazarenos, nada logrando contra os tais, sob as ordens do subdelegado Odilon, reuniram

um grupo de nove pessoas, incluindo cinco macacos¹. Foi um fumaceiro dos infernos, e até hoje não sei como escapamos. Foi Deus, só pode! Pra ter uma ideia do perigo, eu fiquei preso a uma moita de xiquexique e só não me danei de vez porque consegui dar um salto de costas por sobre a moita e me livrar da mira de Odilon Flor. Livino foi ferido no ombro, capturado pelos nazarenos e conduzido à cadeia de Floresta, isso depois de uma hora de peia no lombo.

“Meu pai, então, sem outro jeito a dar, resolveu se mudar pra Alagoas, fixando-se na Fazenda Catuni, mas nem assim Zé de Saturnino quietou o facho. Ele mandou uma carta ao coronel Ulisses Luna, acusando a gente de ladrão. Ainda perseguiu Antônio de Matilde, que foi preso e espancado pelos macacos, só por ter cuidado do ferimento de meu irmão Antônio. Foi graças a Antônio de Matilde que eu e meus irmãos Livino e Antônio resolvemos ir até a vila de São Francisco em demanda de uma pessoa por quem, até hoje, guardo o maior respeito: meu primeiro comandante e o homem que me ensinou tudo nas lides do cangaço, Sinhô Pereira.”

– O nome Sinhô inspira respeito mesmo – atalhou Zé de Felipe, quase divagando.

– Sim, mas, apesar do nome, “Sinhô”, ele era quase um menino. Tinha somente vinte e seis anos. Era tal o respeito de seus comandados que todos o tratavam assim. Cabra valente! É como o título de “Capitão”, que eu carrego com orgulho, pois recebi de meu Padim Ciço. Mas isso foi depois, quando minha fama já corria por vários estados. Quando entrei para o bando de Sinhô, pensava apenas em vingar as ofensas sofridas por minha família, não me dando conta

de que havia tomado um caminho sem volta. O destino estava traçado, não tinha como escapar da minha sina...

Labareda balançou a cabeça em afirmativa. A fala do chefe, dolorosamente verdadeira, causou um efeito perturbador em todos os membros do bando. Era, de fato, um caminho sem volta.

– Quando Zé de Saturnino soube que eu havia me aliado a Sinhô, não deixou barato e juntou um grupo de jagunços. Numa tocaia, Antônio de Matilde foi ferido, e Higino, seu sobrinho, acabou sendo morto. Tempos depois, o mesmo Antônio tentou roubar alguns bois de Zé de Saturnino, mas ele o surpreendeu e conseguiu recuperar boa parte das reses. Foi nessa quadra que o delegado Amarílio, outro filho do cão, prendeu o meu irmão João, a pessoa mais calma que já vi debaixo do céu. Ele foi lá na cidade de Matinha pra comprar um remédio pra uma sobrinha, e o peste do delegado encasquetou que ele estava era atrás de munição para o bando. Logo João! A gente não arredou pé e enviou um recado ao delegado pra que soltasse o nosso irmão caçula, mas ele tomou isso como ofensa e armou uma emboscada, com um grupo de macacos e cachimbos, e tentou nos liquidar na beirada de um riacho. Não contava com a nossa resistência. Foi tanto pipoco, mas tanto, que o delegado borrou as calças. Por isso, pra se vingar, ele quis humilhar mais nosso irmão, acorrentando-o a uma mesa na prefeitura local, mas eu enviei outro recado, dessa vez mais desaforado, que, se ele não libertasse João até a hora da ave-maria², eu iria pessoalmente atrás dele, e nem o satanás, com toda a curriola do inferno, me impediria de dar a ele o mais justo de todos os castigos.

– E ele obedeceu? – quis saber, curioso, o anfitrião.

¹ Designação pejorativa dos policiais por parte dos cangaceiros. (N.A.)

² Às 18 horas ou seis da tarde. (N.A.)

– E não?! Obedeceu e bem obedecido! Mas a história ainda não acabou, pois esse delegado era mais traiçoeiro que uma cascavel, e o que ele fez foi ganhar tempo pra preparar sua vingança.

“Por essa época, meu pai deixou a Fazenda Olho d’Água, aonde chegara havia pouco, e, em companhia da família, resolveu se mudar pra Santa Cruz do Deserto, pra evitar novos confrontos. Depois de uma parada na Fazenda Engenho Velho, minha mãe passou mal e pediu água. Antes que alguém acudisse com um copo, ela já estava morta. Tinha sabe quantos anos, seu Zé? – O homem meneou a cabeça, negativamente, sem ousar interromper a fala de Virgulino. – Pois minha mãe tinha somente quarenta e sete anos. O coração dela não aguentou tanta injustiça. E pensa que acabou? Nada! Estava só começando...”

“Ainda pudemos nos despedir dela. O enterro foi em Santa Cruz do Deserto. Até hoje me recordo da expressão do rosto de minha mãe, de alívio, como se descansasse de longa caminhada. Ainda escuto as incelenças rezadas em favor de sua alma, o Ofício de Nossa Senhora, e me lembro do rosário entre suas mãos cruzadas sobre o peito, em forma de coração, como se substituísse o outro, que não batia mais. Pobre de nossa mãe... Jurei pela minha alma que aquilo não ia ficar barato! Voltamos pro mato, esperando a melhor ocasião pra liquidar nossos inimigos, enquanto meu pai e João, com medo de mais perseguição, se embrenharam na maravalha e passaram a dormir ao relento, à maneira dos bichos brutos. Mas de nada valeu. Uma volante comandada por José Lucena, a pretexto de capturar Luís Fragoso, filho do dono da fazenda que acolheu os meus pais, invadiu o lugar, sob a condução do covarde delegado Amarílio, provocando uma verdadeira carnificina. Atiraram numa filha do velho fazendeiro e, quando viram meu pai, o arrastaram para um quarto e o executaram a sangue-frio. Ainda deram cabo

de Luís, a quem acusavam de roubo, e saquearam a fazenda. Pra mostrar quem mandava, ainda destruíram a casa.

“Meu pai, que só conseguiu descansar depois de morto, foi sepultado ao lado de minha mãe. E João, meu irmão, resolveu buscar um lugar onde pudesse viver em paz, junto com minhas irmãs, meu irmão Ezequiel e Virgínio, meu cunhado. Quanto a mim, quebrei o chapéu na testa e jurei que ia matar ou morrer, mas não tinha mais nada a dizer aos homens da lei. Assumi o lugar de Sinhô Pereira quando este deixou o cangaço, a pedido de meu Padim Ciço, e se mudou pra Goiás. Por esse tempo eu já havia ganhado a alcunha de Lampião, por causa do fogo do meu fuzil coberto de metal. Esse foi, por assim dizer, meu batismo de fogo. Morri e renasci com um novo nome. Dali por diante, seria olho por olho e dente por dente.”

Estavam nesse ponto quando dona Déa, que havia se levantado para ir à cozinha, comunicou que a janta estava servida. O próprio Capitão ordenou que a prosa seguisse depois do bucho cheio. Era tanta a fome que, até que fosse consumido o último bocado, pouco se falou nos arredores da casa, onde foi posta uma mesa que mal dava para acomodar metade dos “convidados”.

Terminada a refeição, Lampião, encarando Zé de Felipe, improvisou estes versos:

*Ao dono e à dona da casa,
Faço agora a louvação.
Há tempos que eu não provava
tão gostosa refeição;
Que o Bom Jesus os proteja
com a Virgem da Conceição.*